

Clarissa Tossin

Ponto sem
retorno

**Texto da exposição
em fonte ampliada**

Português

SUMÁRIO

Texto de abertura.....p.8

Mapa do espaço expositivo.....p.13

Parede de abertura

Mapa da Parede de abertura.....p.14

***Streamlined: Belterra, Amazônia /
Alberta, Michigan***.....p.14

Rubber Cycle.....p.15

Obra (pintura nas paredes da galeria)

Volume morto.....p.17

Mapa do Espaço 1.....p.19

Parede A, Espaço 1

Mapa da Parede A.....p.20

Unmapping the World.....p.20

Parede B, Espaço 1

Mapa da Parede B.....p.22

Manta.....p.22

Becoming Mineral.....p.23

Parede C, Espaço 1

Mapa da Parede C.....p.25

Facsímil de la disputada carta portulana de Cristóbal Colón, Mappa Mundi, siglo XV.....p.25

The Lure of Elsewhere.....p.26

Corso del fiume delle Amazzoni fino a Marte.....p.26

Maritime Arrivals.....p.27

Planisphere Celeste Septentrional; Planisphere Celeste Meridional, Paris, 1705.....p.27

Vogais portuguesas.....p.29

Obras tridimensionais no espaço 1

Mapa das Obras tridimensionais no espaço 1...p.30

***We Are Stardust*.....p.30**

***Spent*.....p.31**

***The Only Lasting Truth Is Change*.....p.32**

Mapa do Espaço 2.....p.34

Parede G, Espaço 2

Mapa da Parede G.....p.35

***Rio de ouro*.....p.35**

***O pior ano*.....p.36**

***Pacific Palisades Fire (You Gotta Make Your Own Worlds)*.....p.36**

***Começando com o que temos: carvão*.....p.36**

***Valuable Element*.....p.37**

***Study for a Landscape (Brasília)*.....p.38**

***Study for a Landscape (Mars)*.....p.38**

Parede H, Espaço 2

Mapa da Parede H.....p.40

Piante vagabonde: famiglia Asteraceae, Roma.....p.40

Piante vagabonde: ortica, Roma.....p.41

Piante vagabonde: bardana, fragole selvatiche ed erba muraiola, Roma.....p.41

Piante vagabonde, Roma.....p.42

Parede I, Espaço 2

Mapa da Parede I.....p.43

Começando com o que temos: tela preparada.....p.43

Testemunha do tempo (Cedro Deodar, Alhambra).....p.44

A natureza da matéria (queda de cabelo)....p.44

Becoming Mineral.....p.44

Mortalha para Ártemis.....p.45

Mortalha para Gaia.....p.45

Mortalha para Vênus.....p.45

Obras tridimensionais no Espaço 2

Mapa das Obras tridimensionais no Espaço 2...p.47

Death by Heat Wave (Acer pseudoplatanus, Mulhouse Forest).....p.48

Future Geography: The Five Galaxies of Stephan's Quintet.....p.49

Future Geography: Rho Ophiuchi Cloud Complex.....p.50

Future Geography: Tapestry of Blazing Starbirth.....p.50

Clarissa Tossin: ponto sem retorno

Nascida em Porto Alegre, Clarissa Tossin mudou-se há cerca de 20 anos para os Estados Unidos por conta de seus estudos de mestrado. Embora já tenha uma extensa carreira internacional, esta é sua primeira exposição individual em um museu no Brasil. A mostra reúne 40 obras realizadas entre 2008 e 2025 — entre esculturas, instalações, vídeos, trançados, pinturas e fotografias —, 14 delas produzidas especialmente para o MASP.

O subtítulo da exposição, “ponto sem retorno”, faz referência a um momento na história do planeta em que não seria mais possível remediar os efeitos danosos das ações humanas sobre o ambiente. A partir desse ponto, os sinais percebidos na Terra e no superaquecimento do

clima são considerados irreversíveis.

Para além de retratar o aquecimento global, Tossin incorpora em suas obras elementos materiais da catástrofe, pautando sua produção pelos resíduos de um mundo colapsado — o que chama de “fósseis do futuro”. Trata-se de esculturas construídas a partir de materiais descartados, partes de vegetais ou registros de seu próprio corpo. Em um outro sentido, a artista frequentemente se volta para o macro, o mundo, o universo, em trabalhos sobre mapas, bandeiras e imagens do espaço sideral.

Durante o período de desenvolvimento desta mostra, dois graves eventos climáticos impactaram o trabalho da artista, ecoando em algumas das obras na exposição. Em maio de 2024, enchentes de enorme dimensão assolaram o estado do Rio Grande do Sul, sua terra natal

e onde vive parte de sua família. A partir disso, a artista concebeu *Volume morto* (2025), uma grande instalação que cobre as paredes da galeria, como se presenciássemos as marcas de uma enchente imaginária sobre o museu.

Em janeiro de 2025, um incêndio gigantesco atingiu Los Angeles, onde vive Tossin, provocando a destruição de bairros inteiros, incluindo a casa de um casal de colecionadores que possuía uma obra sua. Tais acontecimentos sublinham as conexões da produção e pesquisa da artista com a realidade incontornável dos desastres ambientais. Diante disso, Clarissa Tossin reflete também sobre o que significa produzir mais objetos em tempos de emergência, um ponto sem retorno para a Terra, os seres, os humanos e a própria arte.

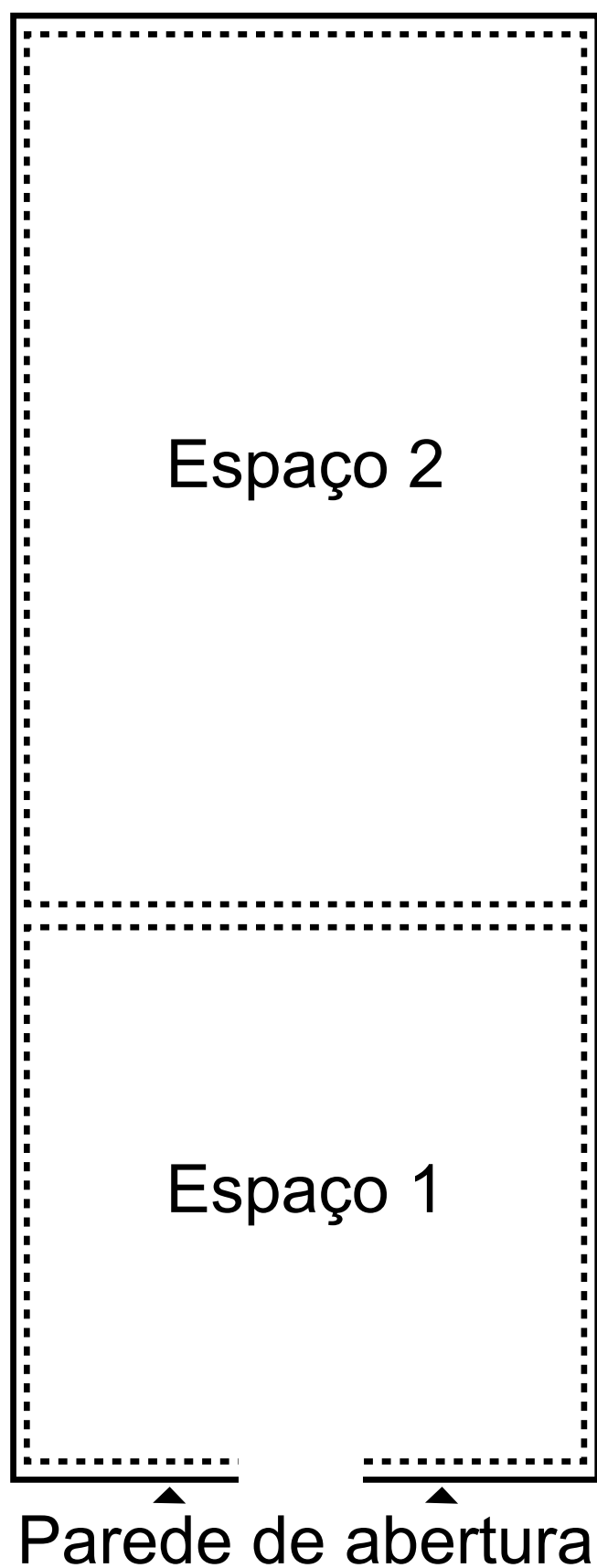
Clarissa Tossin: ponto sem retorno é curada por Adriano Pedrosa, diretor artístico, MASP, e Guilherme Giufrida, curador assistente, MASP.

A exposição integra o ano dedicado às Histórias da Ecologia no museu em 2025, que inclui monográficas de Abel Rodríguez, Claude Monet, Frans Krajcberg, Hulda Guzmán, Minerva Cuevas, André Taniki Yanomami e do coletivo Movimento dos Atingidos por Barragens; mostras na Sala de Vídeo de Emilija Škarnulytė, Inuk Silis Høegh, Janaina Wagner, Maya Watanabe, Tania Ximena e do projeto Vídeo nas Aldeias; além da coletiva *Histórias da Ecologia*.

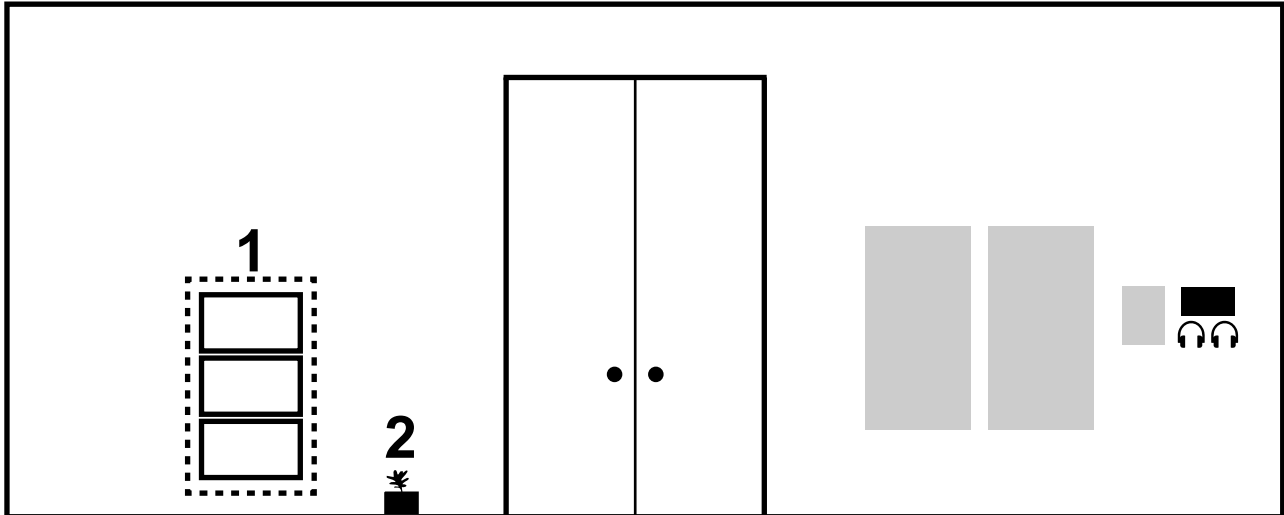
Desde 2019, o MASP conta com um grupo de trabalho de sustentabilidade e desenvolve ações como descarbonização, compra de energia renovável e um programa de gestão

de resíduos — iniciativas que se somam à programação de *Histórias da Ecologia* este ano. O novo edifício Pietro Maria Bardi também incorpora soluções sustentáveis, tendo conquistado a certificação LEED (Leadership in Energy and Environmental Design).

Mapa do espaço expositivo



PAREDE DE ABERTURA



**1. Streamlined: Belterra, Amazônia /
Alberta, Michigan** [Linha de montagem:
Belterra, Amazônia / Alberta, Michigan], 2013

Vídeo HD em três canais, áudio estéreo 15'
Cortesia da artista, Commonwealth and Council,
Los Angeles, e Galeria Luisa Strina, São Paulo

Tossin relaciona e compara a arquitetura, o
urbanismo e os elementos formais de duas
pequenas cidades planejadas e construídas pela
montadora Ford, uma na Amazônia brasileira,

e outra em Michigan, nos Estados Unidos. O trabalho revela como processos colonizatórios estadunidenses do século 20 operam no presente, reiterando práticas de extração de minérios e insumos, como a borracha, para a expansão da sua indústria e gerando efeitos socioambientais que perduram até hoje. Ganham corpo aqui a relação entre Brasil e Estados Unidos, o projeto rodoviarista, a emissão de carbono e a devastação materializada nessas cidades espelhadas.

2. *Rubber Cycle* [Ciclo da borracha], 2015

Pneus usados e muda de seringueira
Cortesia da artista, Los Angeles, e Galeria
Luisa Strina, São Paulo

Uma pilha de pneus usados transforma-se em vaso improvisado para uma muda de seringueira, completando o ciclo narrativo da borracha. Nesse trabalho, Tossin entrelaça insumo e produto, revelando como a matériaprima é disfarçada no objeto descartado, ao mesmo tempo em que oculta a força de trabalho necessária para produzi-lo. A indústria automobilística surge, assim, como elemento central na configuração da paisagem, motor de muitos dos movimentos evocados nos trabalhos apresentados na sala principal dessa mostra. O gesto aponta para os mecanismos internos de sistemas que, historicamente, camuflam relações de dominação sobre pessoas, territórios e recursos vegetais.

OBRA (PINTURA NAS PAREDES DA GALERIA)

Volume morto, 2025

Pintura feita com terra de três localidades do Rio Grande do Sul atingidas pelas enchentes em 2024: Cidade Baixa e Sarandi em Porto Alegre, e Eldorado do Sul

Coordenação artística: Frank Dezeuxis

Produção em Porto Alegre: Cecília Daudt

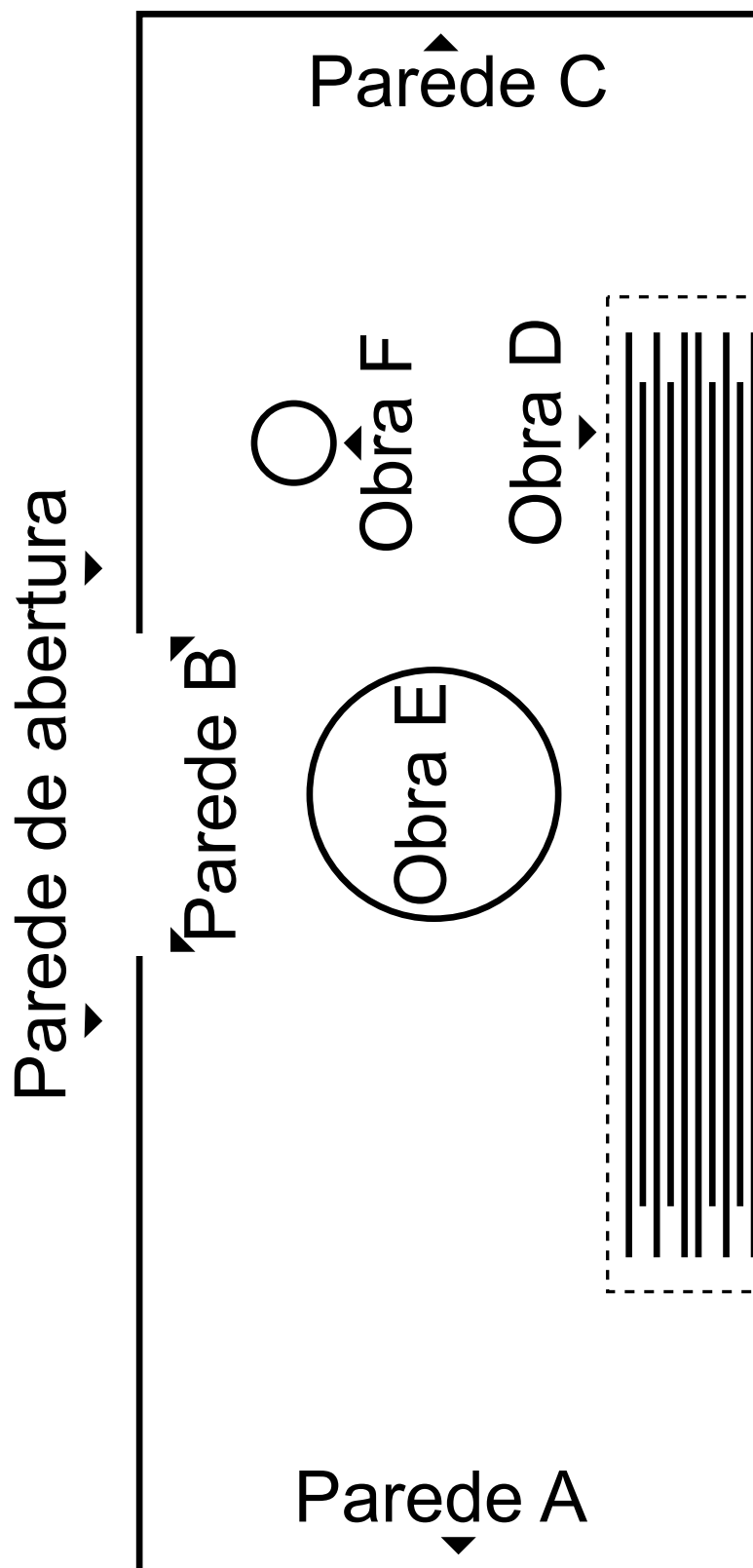
Cortesia da artista, Commonwealth and Council, Los Angeles, e Galeria Luisa Strina, São Paulo

Nascida em Porto Alegre, Tossin incorpora a terra de sua cidade natal para ressaltar um rastro visual dos efeitos das mudanças climáticas.

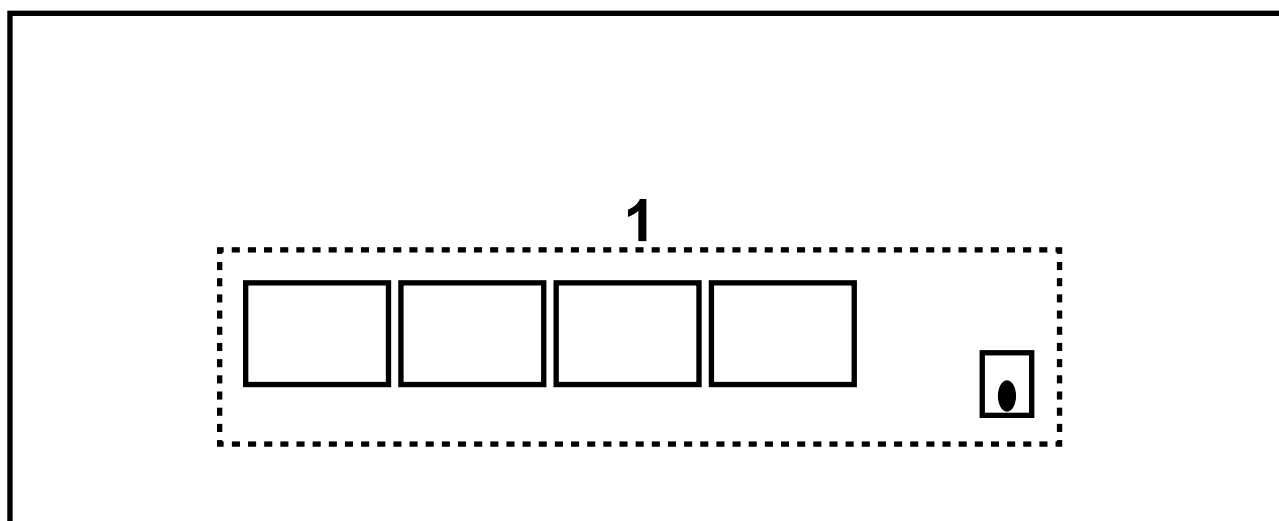
Em maio de 2024, enchentes sem precedentes devastaram o Rio Grande do Sul, no maior desastre ambiental da história do estado.

Quando a água recuou, marcas horizontais de lama ficaram estampadas nas paredes das construções. Na exposição, a própria arquitetura exhibe os pigmentos das enchentes, encontrando no volume do ambiente (ou, no caso, da galeria expositiva) um espaço físico, um molde, para evidenciar os excessos da ação humana e seus efeitos sobre o planeta.

Mapa do Espaço 1



PAREDE A, ESPAÇO 1



1. *Unmapping the World* [Desmapeando o mundo], 2011

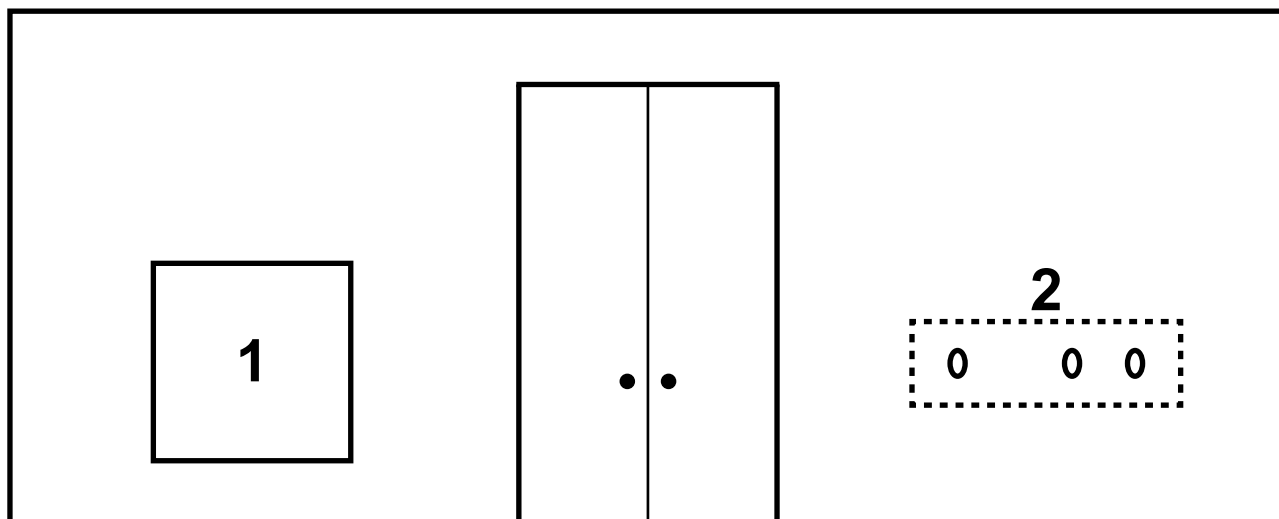
Tinta arquivística sobre papel vegetal

Cortesia da artista, Los Angeles, e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

Esta obra surge de um gesto performático: a artista amassa papel vegetal branco, formando uma espécie de bola, e pinta massas continentais sobre ele com tinta preta. Ao desenhar sobre esse objeto um mapa-múndi à sua maneira – esboçado, informalmente, como um rascunho ou um esquema –, dá às manchas negras contornos imprevisíveis quando o material é aberto. Ao mesmo tempo, a separação e a distância entre os continentes tornam-se abstratas diante da absorção do pigmento, que atravessa o papel, contaminando tanto o exterior quanto o interior da frágil, irregular e efêmera esfera.

PAREDE B, ESPAÇO 1



Clarissa Tossin e Moema Tossin

1. *Manta*, 2025

Envelopes de plástico usados da Amazon

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

Tradicionalmente, o quilt é fonte de aquecimento, objeto de troca de presentes, símbolo e visualidade em manifestações, uma memória de narrativas e encontros de confecção coletiva, além de expressar filiação a uma certa linhagem

(em geral feminina) de aprendizado do ofício. A obra de Tossin alude também a possíveis cobertores para refugiados climáticos. A artista subverte o envelope supostamente inofensivo da gigante multinacional, que aqui forma uma estrela, novamente conectando imagens astrais – bússolas de outros tempos – à possibilidade de reconfigurar narrativas, imagens e mapas a partir dos resíduos do consumo massificado proliferados em plástico cinza.

2. *Becoming Mineral* [Devir mineral], 2021

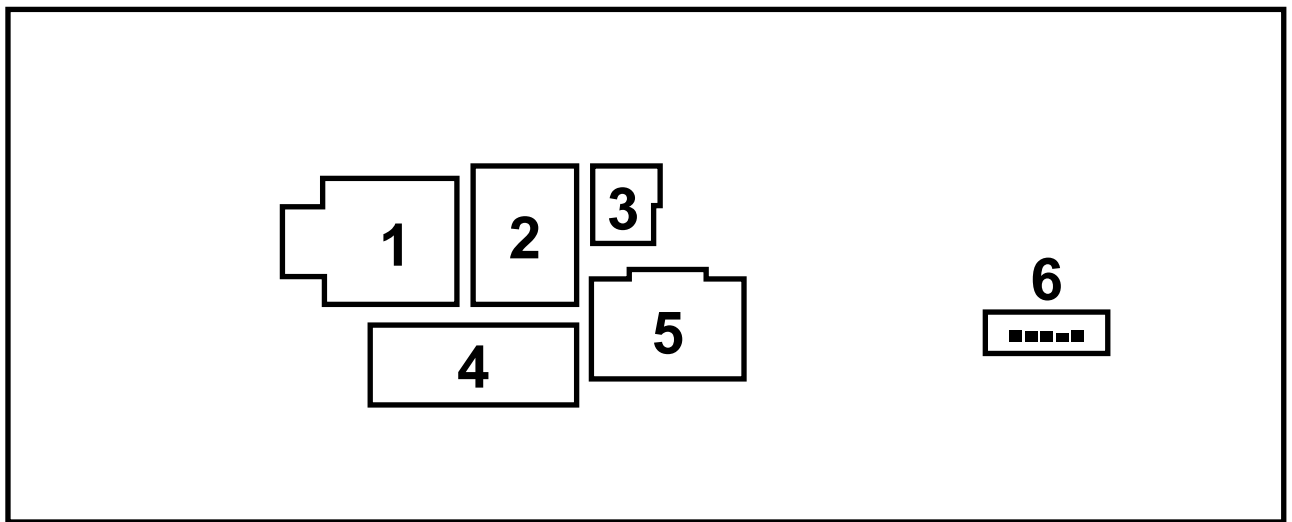
Porcelana

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

Essas máscaras mortuárias surgem como vultos, projetando-se da parede em que estão expostas. Neste trabalho, a artista questiona se

o mundo físico é mero recurso manipulado por nossas ações. Aqui, é o humano que emerge como resultado dessas substâncias, já que rosto e matéria, escultura e substância, situam-se no mesmo plano de realidade. Se, por um lado, a face da artista está presente na galeria, por outro, aparece também já decomposta, como se não fosse mais possível pensar uma história da escultura sem observar seu esfacelamento iminente junto a outros resíduos pós-humanos.

PAREDE C, ESPAÇO 1



1. *Facsímil de la disputada carta portulana de Cristóbal Colón, Mappa Mundi, siglo XV* [Fac-símile da disputada carta portulana de Cristóvão Colombo, Mapa-múndi, século 15], 2023

Tinta arquivística sobre envelopes de papel usados da Amazon

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

2. *The Lure of Elsewhere* [O fascínio do distante], 2023

Tinta arquivística sobre envelopes de papel usados da Amazon

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

3. *Corso del fiume delle Amazzoni fino a Marte* [Curso do rio Amazonas até Marte], 2023

Tinta arquivística sobre envelopes de papel usados da Amazon

Cortesia da artista, Los Angeles, e Galeria Luisa Strina, São Paulo

4. *Maritime Arrivals* [Chegadas marítimas], 2023

Tinta arquivística sobre envelopes de papel usados da Amazon

Cortesia Commonwealth and Council,
Los Angeles

5. *Planisphere Celeste Septentrional; Planisphere Celeste Meridional, Paris, 1705* [Planisfério Celeste Setentrional; Planisfério Celeste Meridional, Paris, 1705], 2023

Tinta arquivística sobre envelopes de papel usados da Amazon

Cortesia Commonwealth and Council,
Los Angeles

Os envelopes da gigante do comércio eletrônico Amazon servem de suporte à reprodução de mapas exploratórios das Grandes Navegações europeias (séculos 15 e 16). São desenhos realizados sobre descartes da cultura de consumo de massas em sua versão mais recente, relacionando as cartas náuticas aos corpos das *plantations* extrativistas. Tudo parece se conectar pelo logotipo em forma de flecha saltitante da Amazon: frases morais repletas de significados, adesivos com informações dos destinatários, exploradores e nativos em guerra, desenhos de insumos da exploração agrícola mercantilista, QR codes, caravelas, selos, bússolas, brasões, ouro e carvão.

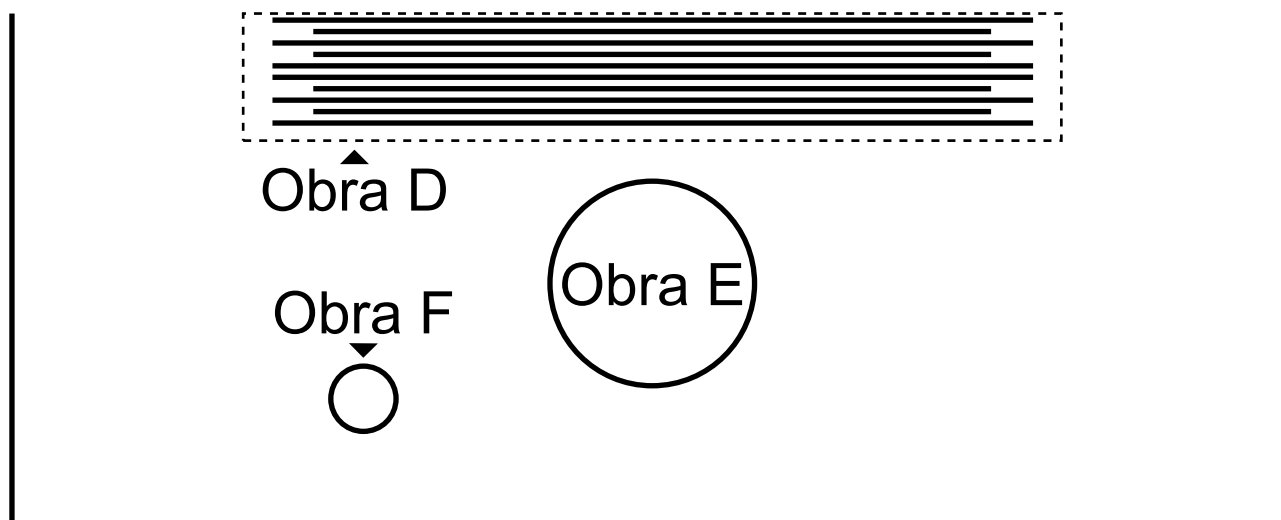
6. *Vogais portuguesas*, 2008–2015

Açúcar

Cortesia da artista, Los Angeles, e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

OBRAS TRIDIMENSIONAIS NO ESPAÇO 1



Obra D. *We Are Stardust* [Somos poeira estelar], 2024

Impressão por sublimação sobre tecido

Cortesia da artista, Commonwealth and Council, Los Angeles, e Galeria Luisa Strina, São Paulo

Com sua pesquisa sobre a reiterada presença de elementos astronômicos nas bandeiras, Tossin sublinha a centralidade estrutural das estrelas e luas nos mitos fundacionais de muitos países. Esse processo de deslocamento

de um objeto encontrado no mundo associa-se diretamente à dimensão ecológica de seu trabalho, ao considerar que a abstração da nação é falaciosa para se pensar a dimensão da Terra em meio à crise ambiental. A emergência climática é necessariamente transnacional, ainda que o contexto global reafirme fronteiras, aqui contestadas por esta constelação de signos que sobem de volta para o céu.

Obra E. *Spent* [Gasto], 2009–2011

Porcelana e cinzas de lixo

Coleção Eduardo Leme, São Paulo

Com o intuito de dar escala, visibilizar e objetificar os dejetos do próprio corpo, o lixo pessoal e íntimo da artista serve de base para *Gasto*. O trabalho é construído a partir de um processo de

fossilização de itens descartados. São resquícios de sua condição de existência mediada por itens de consumo da sociedade de massa: lenço de papel, algodão, copos de café, absorventes.

Aqui, o corpo feminino aparece com destaque, interligado a utensílios que podem ser lidos como esculturas do cotidiano, revelando também o volume de resíduos sólidos produzidos por um único indivíduo – a própria artista.

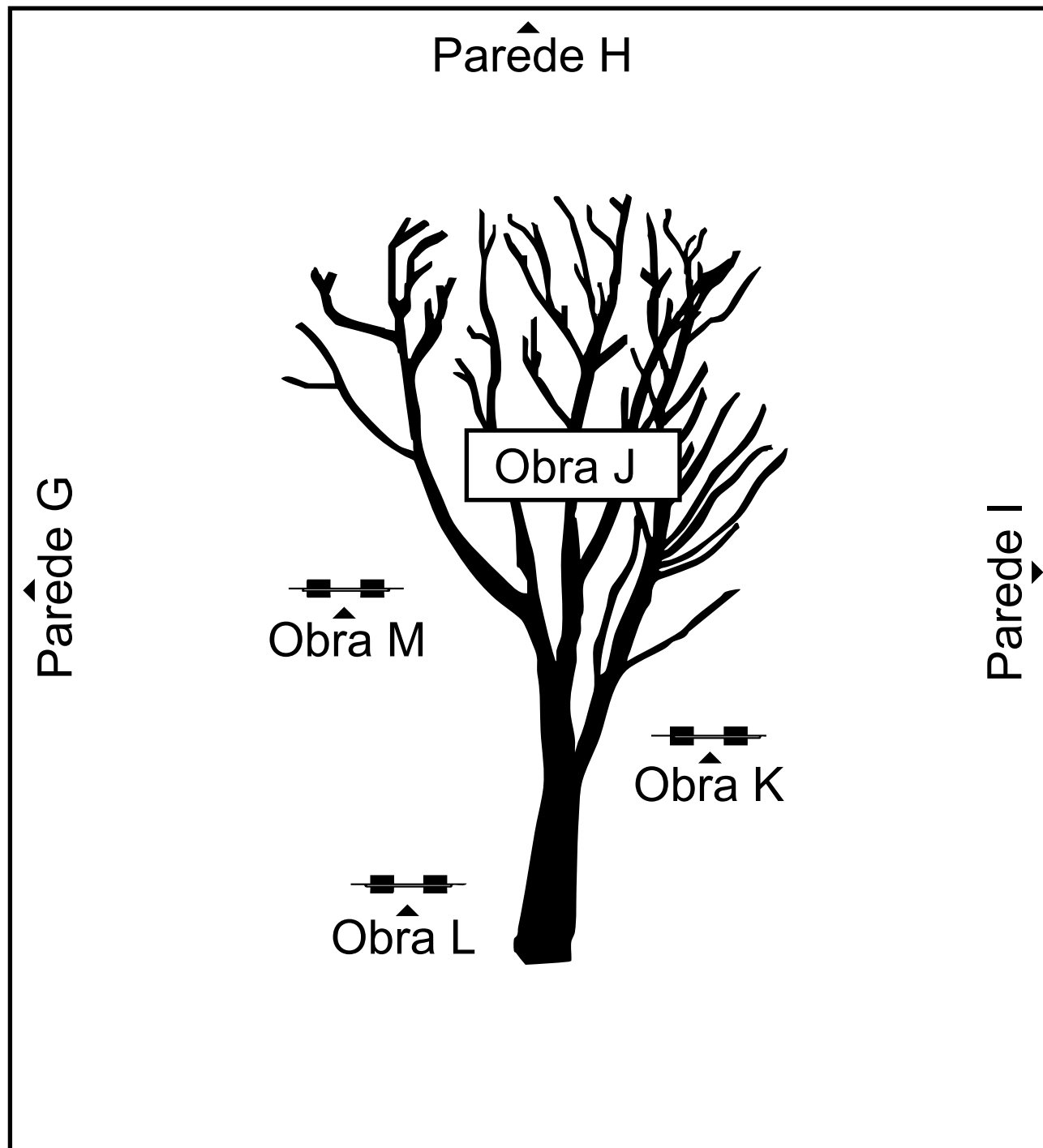
Obra F. *The Only Lasting Truth Is Change* [A única verdade duradoura é a mudança], 2019

Gesso, cimento, espuma, uretano, silicone e papel alumínio

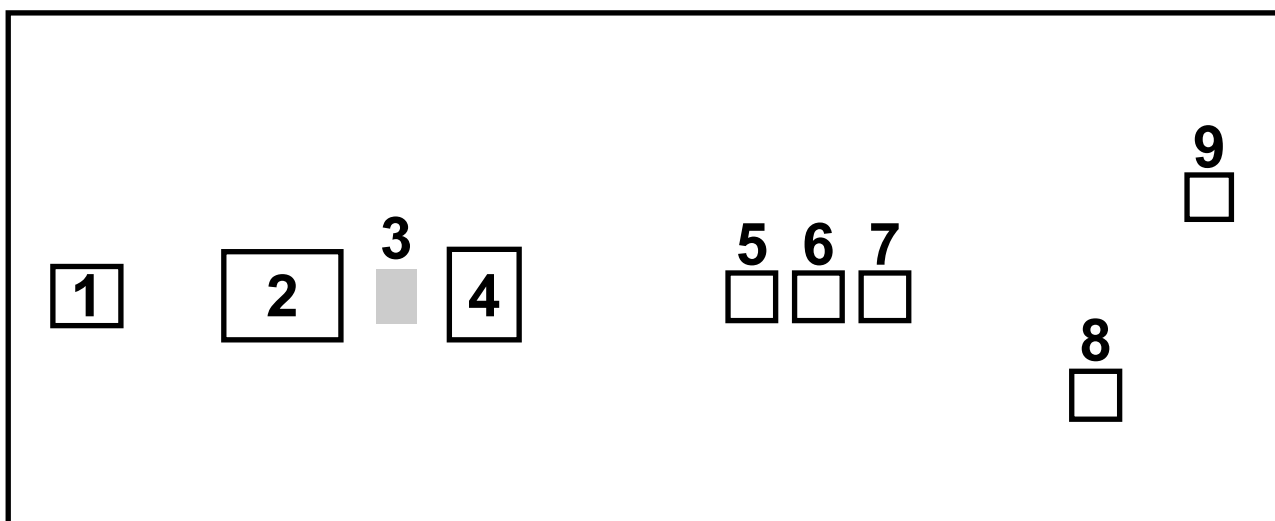
Cortesia Commonwealth and Council,
Los Angeles

Aqui Tossin aglutinou seus próprios resíduos plásticos derretidos com materiais sintéticos variados, incluindo restos de materiais de arte encontrados em seu ateliê, em um processo de derretimento que combina camadas e cores em uma forma escultórica esférica. O procedimento evidencia as características cromáticas do lixo, um índice material daquilo que não é facilmente decomposto, produzindo uma espécie de arqueologia inversa a partir de resíduos projetados no tempo. O título deriva de um trecho de Octavia Butler: “Tudo o que você toca, você muda. Tudo o que você muda, muda você. A única verdade duradoura é a mudança”.

Mapa do Espaço 2



PAREDE G, ESPAÇO 2



1. *Rio de ouro*, 2024

Folha de ouro 23 quilates e tinta arquivística
sobre envelopes de papel usados da Amazon
Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria
Luisa Strina, São Paulo

2. *O pior ano*, 2024

Carvão sobre envelopes de papel usados da Amazon

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria Luisa Strina, São Paulo

3. *Pacific Palisades Fire (You Gotta Make Your Own Worlds)* [Incêndio em Pacific Palisades (É preciso criar seus próprios mundos)], 2025

Obra destruída no incêndio em Pacific Palisades

4. *Começando com o que temos: carvão*, 2025

Caixas usadas de papelão da Amazon, gel médium e carvão

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria Luisa Strina, São Paulo

5, 6 e 7. *Valuable Element* [Elemento valioso], 2022

Impressão a jato de tinta sobre papel, poeira de papel impresso a jato de tinta e frasco de vidro

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

Tossin dobrou impressões idênticas de imagens da Lua feitas pela NASA como drones de papel. Ela então achatou as dobras marcadas e apagou progressivamente seções cada vez maiores de cada impressão armazenando a tinta removida em uma ampola de vidro de laboratório. Essa tinta raspada de maneira a evocar a mineração a céu aberto, mimetiza a aparência de uma ampola de material lunar. O “elemento valioso” parece ser, ao mesmo tempo, essa composição material da imagem, os recursos a serem explorados ou a imaginação

de que, se tudo estiver perdido, teríamos um suposto território onde recomeçar.

8. *Study for a Landscape (Brasília)* [Estudo para uma paisagem (Brasília)], 2012

Impressão a jato de tinta sobre papel de algodão

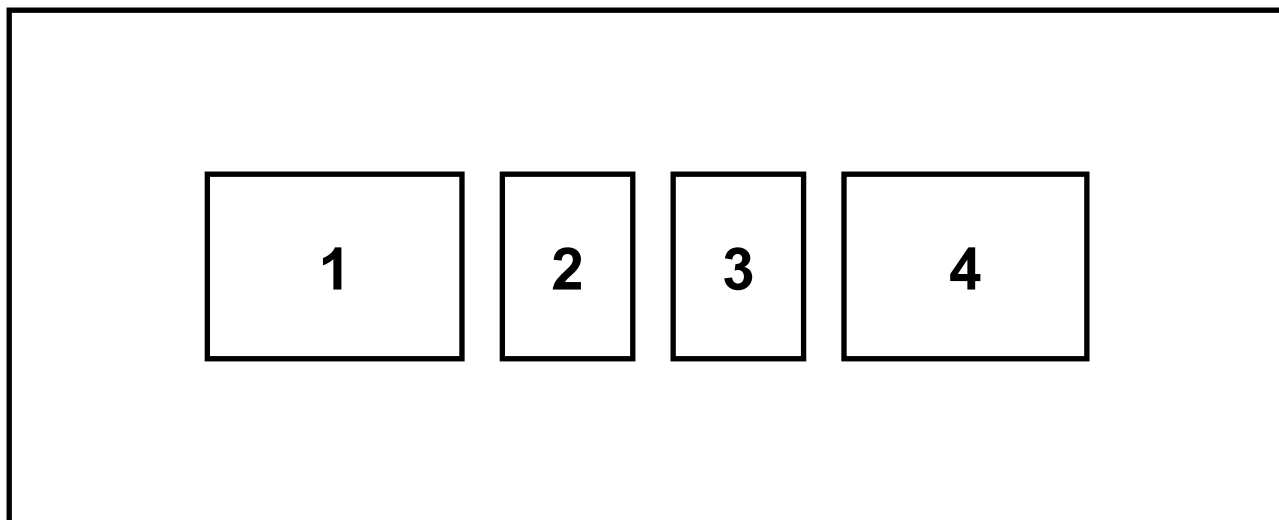
Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria Luisa Strina, São Paulo

9. *Study for a Landscape (Mars)* [Estudo para uma paisagem (Marte)], 2012

Impressão a jato de tinta sobre papel perolado
Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

A partir de fotografias de satélite da superfície de Marte e de Brasília, cidade onde viveu na juventude, Tossin realiza uma dobradura em forma de foguete para Marte, e de carro para Brasília, reencenando uma brincadeira da infância. Como em um diagrama ou modelo, a artista trabalha sobre representações bidimensionais com um propósito, um impacto potencial no tridimensional. Ela conecta essas fronteiras do espaço como territórios a serem ocupados, uma espécie de Eldorado atualizado em diferentes contextos, locais de fabulação mística e de prospecção de futuros, imaginados e planejados por colonizadores de diferentes gerações.

PAREDE H, ESPAÇO 2



1. *Piante vagabonde: famiglia Asteraceae,*
Roma [Ervas daninhas: família Asteraceae,
Roma], 2025

Tinta para gravura sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

2. *Piante vagabonde: ortica, Roma* [Ervas daninhas: urtiga, Roma], 2025

Tinta para gravura sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

3. *Piante vagabonde: bardana, fragole selvatiche ed erba muraiola, Roma* [Ervas daninhas: bardana, morangos silvestres e erva-das-muralhas, Roma], 2025

Tinta para gravura sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

4. *Piante vagabonde, Roma* [Ervas daninhas, Roma] [Weeds, Rome], 2025

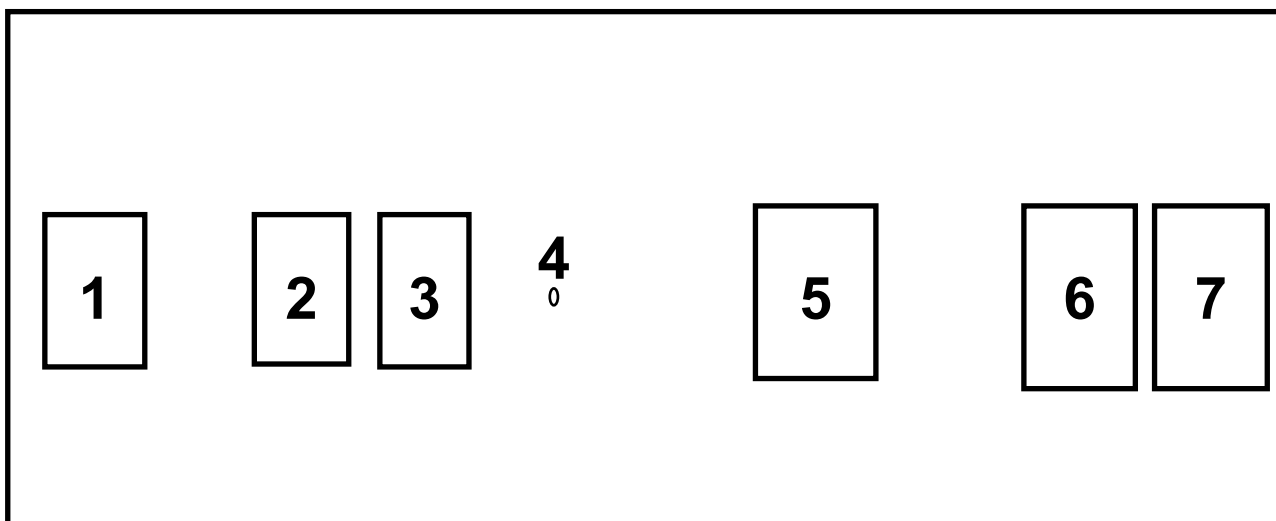
Tinta para gravura sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

Na série de monotipias *Piante vagabonde* [Ervas daninhas], produzidas para a exposição no MASP, vegetação espontânea urbana torna-se símbolo de resistência ao lado de rastros do corpo da própria artista, evocando concepções do feminino associadas a um imaginário extrativista da paisagem. A experiência da menopausa vivida por Tossin transforma-se aqui em uma metáfora ecológica de um ponto sem retorno pessoal, contrapondo o esgotamento hormonal aos limites exauridos da Terra e revelando paralelos entre a finitude do corpo e a vulnerabilidade do planeta.

PAREDE I, ESPAÇO 2



1. Começando com o que temos: tela preparada, 2025

Caixas usadas de papelão da Amazon e gesso
Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria
Luisa Strina, São Paulo

2. *Testemunha do tempo (Cedro Deodar, Alhambra)*, 2025

Tinta para gravura sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

3. *A natureza da matéria (queda de cabelo)*, 2025

Tinta para gravura sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

4. *Becoming Mineral* [Devir mineral], 2021

Argila queimada

Cortesia Galeria Luisa Strina, São Paulo

5. *Mortalha para Ártemis*, 2025

Base de maquiagem sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

6. *Mortalha para Gaia*, 2025

Base de maquiagem sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

7. *Mortalha para Vênus*, 2025

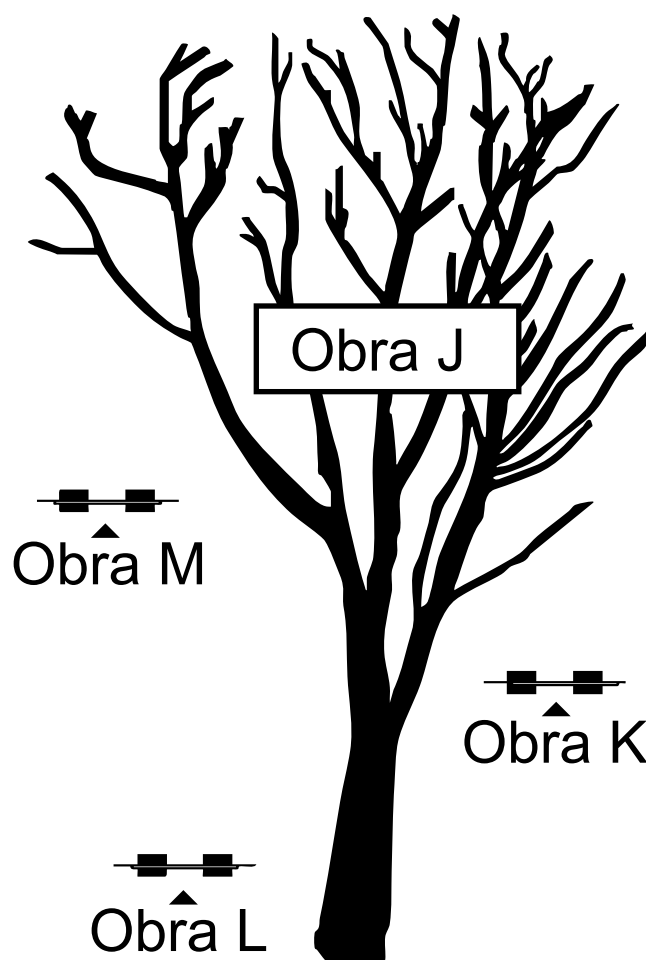
Base de maquiagem sobre tela

Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria

Luisa Strina, São Paulo

Realizada para a mostra no MASP, a série *Mortalhas* foi produzida a partir de impressões corporais da mãe de Clarissa, de 84 anos, usando base de maquiagem. Essas obras remetem a deusas da Antiguidade, incluindo Gaia – ao mesmo tempo deusa grega primordial, Mãe-Terra e conceito retomado pelas ciências ambientais na Hipótese de Gaia, que vê o planeta como um organismo único e vivo. O corpo de sua mãe impresso aqui revela um gesto de carinho, ancestralidade e encontro, conectando o corpo feminino à história do planeta através de uma dimensão subjetiva.

OBRAS TRIDIMENSIONAIS NO ESPAÇO 2



Obra J. *Death by Heat Wave (Acer pseudoplatanus, Mulhouse Forest)* [Morte por onda de calor (Acer pseudoplatanus, floresta de Mulhouse)], 2021

Silicone, pigmento preto e casca de árvore
Cortesia da artista, Commonwealth and Council, Los Angeles, e Galeria Luisa Strina, São Paulo

Essa grande escultura é um molde em tamanho real, feito em silicone, a partir de uma árvore da floresta de Mulhouse, morta por calor excessivo e falta de umidade adequada do solo. O trabalho pode ser compreendido como uma máscara mortuária do universo botânico, individualizada pela artista no título, como uma lápide de um ente falecido. Tossin explora as causas e os efeitos do aumento da temperatura média da Terra, criando um ritual de visualização e de presença da

resistência da árvore mumificada – morta, mas, de algum modo, ainda viva como objeto artístico.

Obra K. *Future Geography: The Five Galaxies of Stephan's Quintet* [Geografia futura: as cinco galáxias do Quinteto de Stephan], 2022

Caixas de papelão usadas da Amazon,
impressão a jato de tinta sobre papel
fotográfico com laminação e madeira
Cortesia Commonwealth and Council,
Los Angeles

Obra L. *Future Geography: Rho Ophiuchi Cloud Complex* [Geografia futura: complexo de nuvens Rho Ophiuchi], 2023

Caixas de papelão usadas da Amazon,
impressão a jato de tinta sobre papel
fotográfico com laminação e madeira
Coleção particular, Atlante, EUA

Obra M. *Future Geography: Tapestry of Blazing Starbirth* [Geografia futura: tapeçaria de um nascimento estelar fulminante], 2023

Caixas de papelão usadas da Amazon,
impressão jato de tinta sobre papel fotográfico
com laminação e madeira
Cortesia da artista, Los Angeles e Galeria
Luisa Strina, São Paulo

Neste corpo de trançados, Tossin entrelaça tiras cortadas de caixas usadas da Amazon junto a reproduções do cosmos produzidas pelo telescópio James Webb. As caixas planificadas tornam-se índices da comercialização de bens que camuflam as relações históricas e sociais que os produziram. Ao tramá-las com imagens de satélite, a artista reflete sobre como os projetos de mapeamento espacial no século 21 servem à exploração de novos territórios por companhias privadas, patrocinadas pelos Estados nacionais de modo similar às empresas coloniais, revelando como a ambição de mapear territórios com objetivos extrativistas é mais uma vez reatualizada.